

INTERVENÇÃO NA EDUCAÇÃO INFANTIL: PRODUÇÃO DE ESTRATÉGIAS DIDÁTICO-METODOLÓGICAS

Juliane Morellato de Brito Lima
Rianne Nogarol da Silva
Ueberson Ribeiro Almeida

RESUMO

Apresenta uma experiência de intervenção na Educação Infantil que envolveu o trabalho interdisciplinar entre as disciplinas Estágio Supervisionado na Educação Infantil, Didática e Ensino da Educação Física na Educação Infantil. Traz questões acerca dos conteúdos da Educação Física para a Educação Infantil, bem como explicita o trato didático-pedagógico dado ao esporte como possibilidade de conteúdo para o processo de ensino-aprendizagem com crianças da primeira infância.

Palavras-chave: Interdisciplinaridade. Educação Infantil. Trato didático-pedagógico do esporte.

ABSTRACT

Presenting an experience of intervention in Child Education that involved the interdisciplinary work between the disciplines Supervised Internship in Child Education, Didactics and Teaching of Physical Education in Child Education. Also bringing questions about the contents of the Physical Education for the Child Education, as well as explicating the didactic-pedagogic treat given to sport as a possibility of content for the teaching-learning process with young children.

Key words: Interdisciplinarity. Child Education. Teaching-learning treatment in sport activities.

RESUMEN

Presenta una experiencia de intervención en la Educación Infantil que envolvió el trabajo interdisciplinar entre as disciplinas Pasantía Supervisada en la Educación Infantil, Didáctica y Enseñanza de la Educación Física en la Educación Infantil. Trae también preguntas acerca de los contenidos de la Educación Física para la Educación Infantil, así como deja explícito el trato didáctico-pedagógico dado al deporte como posibilidad de contenido para el proceso de enseñanza-aprendizaje con niños en la primera infancia.

Palabras clave: Interdisciplinaridad. Educación infantil. Trato didáctico-pedagógico del deporte.

Introdução

O estudo que ora apresentamos constitui-se como uma experiência de formação inicial produzida, interdisciplinarmente, no Curso de Licenciatura em Educação Física (EF) da Universidade Federal do Espírito Santo.

Nós, alunas do quarto período do referido curso, participamos de uma experiência de formação inicial que envolveu o diálogo e a produção de saberes entre os discentes (futuros professores), os professores da escola e os professores das disciplinas Ensino da Educação Física na Educação Infantil, Didática e Estágio Supervisionado na Educação Infantil.

No início do período letivo (2008/1), as três disciplinas mencionadas abordavam os mesmos assuntos em faces diferentes. Um tanto confusos e sem conseguir fazer as pontes entre os conhecimentos produzidos pelas três disciplinas, os alunos propuseram que os professores entrassem em acordo e discutissem uma proposta interdisciplinar para nossa turma.

A “Educação Física na Educação Infantil” era o tema comum entre as três disciplinas. Com a articulação do trabalho coletivo entre os professores, os alunos puderam perceber as relações que cada disciplina estabelecia com as demais. Desse modo, na disciplina Ensino da Educação Física na Educação Infantil, discutíamos as teorias e propostas pedagógicas para a Educação Infantil, as concepções de infância e criança construídas historicamente, bem como a participação da EF neste período da educação. Na disciplina Didática, estudamos formas e estruturas das aulas, planos e projetos, componentes do processo de ensino e de aprendizagem: planejamento, objetivos, conteúdos, metodologia, recursos e avaliação.

Na disciplina de Estágio Supervisionado da Educação Física na Educação Infantil, pudemos ter contato com a realidade cotidiana da educação infantil, discutimos a atuação do professor de Educação Física e intervimos junto às crianças, colocando nossos conhecimentos na atividade docente por meio de planos de trabalho elaborados pelos grupos de alunos.

A partir do acordo entre os três professores e a turma, ficou determinado que os alunos deveriam elaborar um projeto – uma espécie de plano de trabalho – com a supervisão e orientação dos docentes no qual os discentes deveriam expressar a apropriação e reflexão acerca dos conceitos, técnicas e teorias discutidos nas disciplinas de Ensino da EF na Educação Infantil (EnEFEI) e Didática, bem como apresentar as articulações desses conhecimentos com a realidade vivenciada no Estágio Supervisionado na Educação Infantil.

Vale lembrar que os professores das disciplinas nos alertaram de que a proposta de elaboração do plano de trabalho não significava uma tentativa de fazer a teoria funcionar na prática. Eles deixaram explícito de que na “prática a teoria é outra”, pois quando lidamos com os vivos, as condições de possibilidade de fazer uma teoria funcionar se limitam, felizmente, ao diálogo que os conceitos podem estabelecer com os contextos. Diálogo esse que é fundamental se quisermos potencializar nosso trabalho docente, compreender a flexível e importante articulação teoria-prática, bem como produzir outras teorias, outros conceitos sobre “o que fazemos” e “como fazemos”.

Considerando que essa experiência impactou na nossa formação de maneira positiva, acreditamos que seja importante tornar público parte do nosso trabalho e profícuo

processo de elaboração do plano de trabalho para as crianças de um Centro Municipal de Educação Infantil (CMEI).

A concepção de criança que produzimos

Entendemos que a criança deve ter uma infância alegre, com carinhos e cuidados. Também deve ser considerada e respeitada como sujeito do presente, produtor de história. Preparar as crianças apenas para o futuro é “matá-la em vida”, é torná-la sem infância. Nós, adultos, devemos olhar para as crianças como um ser que é capaz de agir, interagir, em suma, como um sujeito de direitos.

As crianças necessitam ser ouvidas e respeitadas em seu desenvolvimento cognitivo e motor, bem como em sua cultura. Os profissionais da Educação Infantil (EI) precisam potencializar o contato com as famílias e com a comunidade para conhecer a história de vida das crianças. Dessa forma é possível construir um plano de trabalho pedagógico capaz de produzir efeitos que contemplem as demandas do público infantil.

Respeitar a criança é fundamental, portanto, nos centros de EI, é necessário que os jogos e as brincadeiras tenham seus espaços garantidos. Alguns profissionais instrumentalizam o “brincar”, concebendo-o como a ocupação do tempo livre e/ou espaço-tempo pelo qual as crianças devem aprender regras impostas pelos adultos. Quanto a isso, MELLO (2000, p. 1), nos alerta que,

As pessoas engajadas na EI percebem a necessidade das atividades de movimento para as crianças. Essas atividades quando são desenvolvidas nas escolas infantis, na prática, restringem-se a brincadeiras nos aparelhos do parque, jogos de correr, brincadeiras livres nos espaços internos e externos da escola e brincadeiras de rua, todas elas permeando o objetivo de recreação. É importante que o aspecto lúdico seja desenvolvido nas crianças, com a finalidade de recrear-se. Entretanto, os objetivos do componente curricular ‘movimento’ para a EI não podem resumir-se na visão de recreação.

Reconhecemos que o ato de brincar por si só cria um campo de objetivos a serem alcançados eivados de aprendizagens diversas e contingentes, pois “[...] mesmo sem intenção de aprender, quem brinca aprende, até por que se aprende a brincar” (FORTUNA, 2004, p. 7).

Ainda segundo Fortuna (2004), o importante é que a criança não percebe, tanto pelos órgãos dos sentidos e suas especialidades, olhos para ver, ouvidos para ouvir, como os adultos, mas de corpo inteiro. Todas as percepções da criança ocorrem pela presença da sua totalidade corporal, pelo envolvimento afetivo maior que se apresenta nas crianças com as sensações externas.

Nesse sentido, o brincar surge como algo de suma importância, pois se configura em um veículo que os professores possuem para proporcionar às crianças um momento no qual

há a possibilidade de romper com o estabelecido nas instituições escolares, oportunizando o “brincar” como um ato espontâneo e criativo, contudo, responsável.

Como profissionais de EF temos a tarefa de oferecer um “novo brincar” a estas crianças, visto a tentativa incansável de algumas políticas educacionais que buscam inserir a criança no mundo adulto, como exemplo: a antecipação de sua escolarização, a ocupação do tempo da criança com esportes, estudo de línguas estrangeiras, enfim, as crianças estão sendo ajustadas, canalizadas precocemente para a vida do adulto.

Outra questão relevante é o espaço, o tempo e onde brincar. O espaço do brincar deve ser um lugar amplo, com espaço para correr, para as crianças explorarem o ambiente, espaço para realizar vários movimentos de forma segura. É necessário que no tempo reservado para brincar, o educador esteja presente na brincadeira, entendendo que aquele também é um momento de aprendizagem, sendo ele ali um facilitador da brincadeira, proporcionando assim, momentos prazerosos e proveitosos para as crianças. Para que isso se concretize é necessário que os professores façam planejamentos de aulas com objetivos que tenham a criança como foco, que permita viver e reinventar o presente, promovendo o “se – movimentar”, no qual as crianças tomem consciência de si e do mundo.

Como postula nosso célebre poeta Carlos Drumond de Andrade,

Brincar com as crianças não é perder tempo, é ganhá-lo. Se é triste ver meninos sem escola mais triste ainda é vê-los sentados enfileirados em salas sem ar, com exercícios estéreis, sem valor para a formação do homem cidadão (DRUMOND, 2008, s/p.).

A visão de criança produzida nas tensões engendradas nos debates de textos e dos relatos dos estágios dos colegas de turma nos forneceu subsídios teóricos e metodológicos para construir o plano de trabalho de EF para a EI que a seguir compartilhamos.

Nossa experiência: uma proposta de olimpíadas para a Educação Infantil

Nossa proposta de intervenção pedagógica foi pensada para os alunos da creche e pré-escola CRIARTE. Situada no campus da Universidade Federal do Espírito Santo, em Vitória.

Iniciamos o projeto “Olimpíadas” especificamente para crianças do grupo 5 (crianças na faixa etária de cinco anos), do ano de 2008 da creche e pré-escola CRIARTE, partindo de observações feitas na disciplina de Estágio Supervisionado em Educação Infantil e das apropriações conceituais e reflexões produzidas nas disciplinas de EnEFEI e Didática.

A turma apresentava um pequeno número de alunos, apenas nove. Percebemos que eles eram muito amigos, companheiros, sendo a cooperação uma característica marcante da turma. Partindo dessa observação, decidimos trabalhar com o tema “Jogos Olímpicos”, já que estávamos em ano de Olimpíadas, e acreditando que não teríamos maiores problemas com a competitividade, já que iríamos trabalhar o esporte voltado à cooperação e à brincadeira.

Nossa intenção foi a de criar uma olimpíada característica da escola, na qual os alunos pudessem conhecer e vivenciar variações dos esportes/jogos, bem como criar seus próprios jogos dentro de seus limites e possibilidades cognitivo-motoras. Trabalhamos com a perspectiva na qual a criança não deve apenas ser preparada para o futuro, mas é sujeito que constrói e reconstrói seu próprio mundo com o auxílio dos adultos. Assim, buscamos ajudar os alunos a desenvolverem criatividade e senso crítico acerca de novas formas de jogar e brincar com os tradicionais jogos olímpicos.

A perspectiva de “esporte-brincadeira”

Elegemos o esporte como conteúdo para nosso plano de trabalho/intervenção porque estávamos no mês das olimpíadas de Pequim em que a mídia “bombardeava” o imaginário popular com imagens acerca dos valores do esporte de rendimento.

Buscando aproveitar o “boom” de informações circulantes nos meios de comunicação, optamos por trabalhar o esporte na contracorrente do sistema esportivo. A base de nossas convicções é a abordagem Crítico-Emancipatória, na qual o esporte de alto-rendimento é criticado por não atender as demandas dos sujeitos, mas os colocam a serviço do esporte, do *record*, ainda que para tais tenham que sacrificar seus corpos.

De acordo com a perspectiva Crítico-Emancipatória, os maiores problemas que o treinamento especializado precoce provoca sobre a vida da criança, especialmente, sobre a sua cultura após encerrar a carreira esportiva, podem ser enumerados como:

Formação escolar deficiente, devido à grande exigência em acompanhar com êxito a carreira esportiva;
A unilaterização de um desenvolvimento que deveria ser plural;
Reduzida participação em atividades, brincadeira e jogos do mundo infantil, indispensáveis para o desenvolvimento e da personalidade da infância (KUNZ, 2006, p. 50).

É importante proporcionar às crianças experiências estéticas com vivências corporais sem regras pré-estabelecidas, com variáveis múltiplas e infindáveis, que expressem determinadas posições frente à produção e reprodução da cultura de movimento. Vivências que produzam formas de subjetividades nas crianças desde os primeiros anos, que as possibilitem ampliar seus acervos de movimentos e práticas da cultura corporal, pois,

Quanto mais complicada e mais refinada a aparelhagem social, econômica e científica (educacional) para cujo manejo o corpo já há muito foi ajustado pelo sistema de produção, tanto mais empobrecidas as vivências de que ele é capaz (ADORNO; HORKHEINER apud KUNZ, 2006, p. 110).

Quais conteúdos específicos da EF podem ser trabalhados na Educação Infantil?

A Educação Física está inserida no currículo dos Centros de Educação Infantil (CMEI's) da Grande Vitória-ES, mas qual conteúdo específico da EF deve ser ensinado para as crianças de 0 a 6 anos?

Pensar a EF na EI é um exercício teórico recente da área. A própria EI foi legalmente instituída na LDB 9394/1996. Contudo, o debate acerca da legitimidade e inserção da EF nos currículos das escolas de EI é ainda incipiente. Autores como Ayoub (2001), Soares (2001-2002), Oliveira (2005), Luiz e colaboradores (2005), Kunz (2007), Andrade Filho (2007), Debortoli (2001), têm dado atenção ao tema do papel da EF na EI, mais especificamente, versam sobre as possibilidades e desafios de pensar a EF como componente curricular das escolas de EI.

Contudo, não há até o momento, sistematizações consistentes que apresentem propostas plausíveis de conteúdos específicos da área da EF para a EI. Será possível demarcar um conteúdo específico da EF para a EI? Quais características comuns um conteúdo da EF deve ter em relação ao trato didático-pedagógico e em relação à transposição didática para EI?

Nós, as alunas, nos sentimos à deriva por várias vezes, no momento de preparar nossos planos de aulas durante o Estágio Supervisionado I, bem como no momento de selecionar um conteúdo para o plano de trabalho. Perguntamo-nos por vezes: O que vamos ensinar a crianças tão pequenas? Onde podemos buscar referências de conteúdos? Os conteúdos da EF para EI se restringem aos jogos e brincadeiras? Quais jogos e quais brincadeiras? Quais brincadeiras nós devemos escolher para crianças de cinco anos? E para as crianças de dois anos? O que a escola e os pais esperam que nós ensinemos nas aulas de EF? O que as crianças esperam?

Sem respostas para todos esses questionamentos, decidimos juntamente com nossos professores das disciplinas de Estágio Supervisionado na Educação Infantil, Didática e Ensino da EF para a EI, trabalhar o conteúdo esporte, na intenção de buscar compreender os limites e criar possibilidades de trato didático-pedagógico do esporte na EI.

Buscamos, portanto, construir uma proposta de trabalho que possibilitasse às crianças brincarem de esportes e a nós, professores em formação, experimentar nossa própria (in)experiência, aprender com ela.

Metodologia

O plano de trabalho foi realizado por um aluno e duas alunas estagiárias. O público alvo constitui-se de uma turma de nove alunos de faixa etária aproximadamente de cinco anos que estudam no Centro de Educação Infantil (CEI) CRIARTE-UFES. A intervenção se realizou durante dois meses, nas quintas-feiras de 10h às 10h50min.

Iniciamos o trabalho com uma apresentação sobre as olimpíadas, depois com a construção de um mascote que foi o símbolo das olimpíadas da escola e da turma. O mascote foi confeccionado pelos alunos, nós apenas disponibilizamos os materiais e oferecemos auxílio nas dificuldades.

Organizamos o processo de ensino aprendizagem das “olimpíadas” a partir de temáticas. Essas foram organizadas em 13 aulas abordando os respectivos esportes: Futebol, Atletismo, Vôlei, Basquete e Natação.

Em cada duas ou três aulas trabalhamos de acordo com as possibilidades de espaço e materiais, bem como com as escolhas dos alunos. As aulas sempre iniciavam com os

alunos sendo questionados sobre as diferentes formas de se brincar com determinado esporte. E, então, os esportes eram vivenciados em forma de brincadeiras, como seguem os exemplos de brincadeiras da aula de vôlei:

Exemplo 1: Quatro alunos de um lado da rede e quatro do outro lado, cada um segurava em uma ponta do pano, a bola deveria ficar no meio do pano, e quando os alunos puxavam as quatro pontas do pano, a bola era ser lançada para o outro lado da rede de forma que caia no outro pano. Assim a atividade seguiu, como um jogo, onde a bola não poderia cair no chão.

Exemplo 2: Com bolas de assoprar, os alunos brincaram de passar a bola para o outro lado da rede, de forma que não poderiam deixá-la cair no chão.

Feito isso levantávamos dificuldades nas ações realizadas e, por fim, fazíamos uma recapitulação do conteúdo abordado, discussões sobre as etapas anteriores e uma auto-avaliação após cada conteúdo abordado. E de acordo com a perspectiva pedagógica adotada por nós, confrontamos, com os alunos, o esporte de rendimento com a perspectiva esporte-brincadeira que eles realizavam. Nosso objetivo principal foi dotar o esporte-brincadeira de sentido e ludicidade, possibilitando experiências corporais singulares e abertura de espaços cognitivos-motores para novas criações.

Na aula de encerramento, os alunos confeccionaram medalhas individualmente, puderam pintar ou escrever no verso da medalha o que quisessem e depois trocaram as medalhas entre si, presenteando os colegas. Todos apresentaram suas medalhas num pódio que tinha um único nível, ou seja, quem brinca de esporte não pode ser considerado fracassado. No pódio que construímos não havia lugar para melhores e piores, mas para o encontro de amigos.

Avaliação

A avaliação consiste em um processo de acompanhamento da aprendizagem, no qual não valorizamos apenas o resultado final, mas a construção do processo de aprendizagem. Adotamos a estratégia da auto-avaliação, realizada após cada conteúdo abordado. Buscando refletir acerca de nossa forma de avaliar, nos pautamos nas orientações teóricas de Barbosa (2004, p. 16), que afirma,

A avaliação tem servido como um instrumento de controle social, pois produz seletividade e exclusão. Podemos romper, ao menos parcialmente, com essa visão ao ampliarmos a compreensão acerca das concepções do processo pedagógico, do acompanhamento da aprendizagem e também ao repensarmos a ética e a responsabilidade social que temos com o avaliar, o ensinar e o aprender (BARBOSA, 2004, 16).

Assim, por meio de conversas ao final de cada aula e, às vezes, durante as atividades, tivemos o cuidado de ouvir cada aluno em suas diferentes formas de se expressar, suas diferentes linguagens.

Todo o material produzido pelos alunos foi organizado em um caderno da turma, uma espécie de portfólio das olimpíadas. O mascote passou a ser mais um brinquedo da sala de aula e se constituiu no símbolo daquela turma.

Referências

AYOUB, Eliana. Reflexões sobre a Educação Física na Educação Infantil. Revista Paulista de Educação Física, São Paulo, v. 4. p. 53-60, 2001.

ANDRADE FILHO, Nelson Figueiredo de. Perspectivas pedagógicas da educação física para a educação infantil: provocações. In: GRUNENVALDT, José Tarcísio (Org.). Educação Física, esporte e sociedade: temas emergentes. São Cristóvão: Universidade Federal de Sergipe, 2007, p. 23-39.

BARBOSA, Maria Carmen Silveira. O acompanhamento das aprendizagens e a avaliação. In: Revista Pátio Educação infantil. Ano II, nº 4, p. 16-19, Abr/Jul 2004.

DEBORTOLI, J. A. O. Propondo caminhos para a formação profissional: a educação física inserida no cotidiano escolar e articulada à formação em serviço de professores da Educação Infantil. In: 12º Congresso Brasileiro de Ciências do Esporte, 2001, Caxambu. 12º Congresso Brasileiro de Ciências do Esporte, 2001. v. 1.

DRUMOND, Carlos de Andrade.

Disponível em: <http://sitedepoesias.com.br/poesias/1695>. Acesso em 26 de junho 2008.

FORTUNA, Tânia Ramos. O brincar. In: Revista Pátio Educação infantil. Ano I, nº 3, p. 6-9, Dez 2003/ Mar 2004.

KUNZ, Elenor. Educação Física: a questão da Educação Infantil. In: GRUNENVALDT, José Tarcísio (Org.). Educação Física e sociedade: temas emergentes. São Cristóvão: Universidade Federal de Sergipe, 2007, p. 11-21.

KUNZ, Elenor. Transformação didático-pedagógica do esporte. 7. Ed. Ijuí: Unijuí, 2006.

LUIS, Ângela Rodrigues e colaboradores. A educação física na educação infantil no município de Uberlândia: limites e possibilidades. Revista Especial de Educação Física. Edição Digital, n. 2, p. 18-30, 2005.

MELLO, Maria Aparecida. Educação Física e Educação Infantil. Um Binômio separado pelo movimento, mais qual o movimento?. In: 23ª Reunião Anual da Associação Nacional de Pós - Graduação e Pesquisa em Educação – ANPED, Caxambu.

OLIVEIRA, Nara Rejane Cruz de. Concepção de infância na educação física brasileira: primeiras aproximações. Revista Brasileira de Ciências do Esporte, Campinas, v. 26, n.3, p. 95-109, mai.,2005.

SOARES, Amanda Fonseca. Os projetos de ensino e a educação física na educação infantil. Revista Pensar a Prática. v. 5, p. 15-38, jul./jun., 2001-2002.

Endereço

Juliane Morellato de Brito Lima

Bloco 201-A, Aptº 401, Conjunto Castelândia, 3ª Etapa, Quadra II – Jacaraípe – Serra
ES - CEP: 29 172 922

Ju_morellato@hotmail.com

Rianne Nogarol da Silva

Rua Epaminondas de Almeida, nº 214, Parque Areia Preta – Guarapari – ES
CEP: 29 200 740

<http://lattes.cnpq.br/2997472219803658>

rienne.nogarol@hotmail.com